

VIVERMOS JUNTOS. TANGÊNCIAS ENTRE DERRIDA E NANCY

HUGO MONTEIRO

Escola Superior de Educação, Porto

RESUMEN

La deconstrucción, en el pensamiento de Jacques Derrida y Jean-Luc Nancy, expresa los límites del «ser en conjunto», al desafiar los conceptos tradicionales de fraternidad, amistad o democracia. En este texto pretendemos incidir en la tangente entre Derrida y Nancy, poniendo en cuestión la prescripción ético-política inherente a la expresión «vivir juntos». Intentamos recorrer la línea, sutil pero decisiva, que marca la distancia y, como tal, la singularidad de estos pensamientos en la filosofía contemporánea.

Palabras clave: deconstrucción, política, vivir juntos, singularidad.

ABSTRACT

Deconstruction, following Jean-Luc Nancy's and Jacques Derrida's philosophical paths, expresses the limits of 'being in common', challenging the traditional concepts of fraternity, friendship or democracy. The following text intends to reflect upon tangencies and clearances between Derrida and Nancy, considering the relevance of 'living together' as a political and ethical injunction. We intend to sketch a thin –yet decisive– line that marks the difference and, therefore, the singularity of each of these thoughts in contemporary philosophy.

Keywords: deconstruction, politics, living together, singularity.

*«A meditar, justificava o seu desejo de solidão
a solidão não é mais do que salvaguarda da escrita
quando o desejo se apresenta.
A solidão é a defesa do texto»
(Llansol, 1999: p. 61).*

Recibido: 26/04/2013. Aceptado: 09/12/2013.

«*si vous saviez comme la déconstruction est indépendante, et seule, si seule, toute seule*»
(Derrida, 2004: p. 21).

Abertura

Sob o calor do texto de Llansol abrimos uma indagação que tem por motivo a *relação*: a *relação* pensada por duas grandes vozes do pensar contemporâneo –Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy–, cuja singularidade não pode deixar de se posicionar numa certa margem, à distância do que não logra alcançar-se ou acompanhar-se. Uma relação pensada desde a raiz, e enfrentando, num face-a-face permanente, o desmembramento que a ameaça e que a alimenta. Partilhada na palavra plural ‘Desconstrução’, o fio desta exposição filosófica, de Derrida a Nancy e de Nancy a Derrida, reclama um outro modo de pensar a própria relação, entendendo-a como inerente a toda a Desconstrução, mas alertando no mesmo lance para o seu limite disjuntivo. A Desconstrução vela um desmembramento *da* relação *na* relação. Aporeticamente, como é de seu tom, a Desconstrução introduz um ‘e’ –em Derrida e Nancy, neste caso–, signo de associação e de dissociação em tudo: «au coeur de chaque chose, elle reconnaît plutôt cette division de soi au dedans de chaque concept» (Derrida, 2004: p. 21).

E ao abrigo dessa epígrafe, mesmo no coração da relação, não deixa de se sublinhar o acóito de uma certa solidão, lembrando-nos talvez que um grande pensamento vive na intransmissibilidade de um idioma, no algures solitário de uma língua (im)própria. Uma solidão ou condição solitária que, *sem ponta de elitismo* (Bernardo, 2011: p. 149), surge na errância furtiva do pensamento que sempre se exceptua dos unanimismos do tempo. Uma excepção, um apartado, que a experiência da língua sempre comporta, sempre implica, mas que ao mesmo tempo indicia a aventura da diferença através do elemento relacional ‘com’: *não se está só a estar-se só*. A relação *com* o outro, sobretudo se pensada no exterior de qualquer tradução social, institucional e instituída, é um pensamento do singular, na necessária irreduzibilidade do outro, de todo e qualquer outro, como da diferença constituinte que aparta e interrompe o ‘Eu’; e essa singularidade é o mais (politicamente) desafiante reduto do ‘com’.

Na primeira parte deste artigo (1) procuraremos abordar o modo como tanto Derrida como Nancy pensaram as noções de distância, de proximidade e de contemporaneidade, articulando cada uma destas noções alternativas com uma forma outra de se formular toda uma problematização política. O ‘vivermos juntos’, sabendo-se da vizinhança de escrita e de pensamento entre os dois

filósofos, reflecte-se como assomo de distância entre duas posturas filosóficas, tantas vezes partilhadas mas nem por isso equivalentes. Na segunda parte deste ensaio (2) afloraremos pontos de convergência e de divergência que, no alcance político da relação Derrida-Nancy, assume a forma de uma tangente: linha de contacto que não rasura a singularidade de um caminho filosófico; forma de se *viver junto*, sem lugar a uma complementaridade impossível ou fusão indesejável. De escrita a escrita, de Desconstrução a Desconstrução, propomo-nos ler a tangência de pensamentos entre Derrida e Nancy.

1. Com... Derrida e Nancy: limites de uma *conjunção*

Com ('avec', 'ab hoc'), é um elemento de distância, no exacto lance em que se institui como partilha. *Com*, na experiência da relação, da escrita, da escrita filosófica, é simultaneamente uma exigência idiomática, bem marcada *no sonho e na exigência de uma língua por inventar* (Bernardo, 2004), que suscita e exige o instante singular da invenção. Ao contrário de um discurso *ad hoc* (Calle-Gruber, 2009: p. 94), escrever é o *com* que reclama a essencial solidão da escrita (Blanchot, 1955), a defesa do texto, a invenção *na* língua de uma (*outra*) língua. Tarefa crítica, hiper-responsável –radicalmente política.

Em Derrida, em Nancy, é imperioso garantir a recusa ao convencionalmente político¹, em nome de uma dissidência responsável, inventiva, fortemente idiomática e episodicamente partilhada. A recusa, necessariamente distinta no encontro entre estes dois pensamentos, em aceitar os limites estáveis do que se entende por política conduzirá –nunca será demais sublinhá-lo: *muito diferente*– a um retraimento/ retraçagem do político, em inflexões dignas de serem multiplamente pensadas.

O retraimento do político é, no mesmo gesto e na mesma palavra, uma necessária retraçagem² do político, na palavra «política» que a voz de Nancy assume responsabilidade de desobstruir³. Ao fim e ao cabo tratar-se-á, em Derrida como em Nancy, de um certo apolitismo –se por apolitismo entendermos a recusa de um pensamento político dominante, ubíquo e largamente

¹ Uma motivação que, pelo menos se firmada nas traves mestras do que se entende como *filosofia social e/ou política, teoria política* ou *ciência política*, parece orientar-se pelo *não se estar só*, como pelas condições de sociabilidade do que contrariaria diametralmente o singular.

² De acordo com o filosofema abundantemente posto em jogo por Derrida, dito na duplicidade da palavra francesa 'retrait'. Esta palavra convoca, ao mesmo tempo, o sentido de um *retraimento* e o suplemento de uma *retraçagem*. 'Retrait' diz então uma retirada e um novo traço (Cf. Derrida, 1987: p. 87; Derrida, 2010: pp. 10-11).

³ Cf. Ferrari, Maià, & Nicolao, 2012: p. 66.

impositivo— em nome da confessa necessidade de se pensar diferentemente o espaço político-democrático⁴. Entende-se, neste apolitismo, um gesto de *retirada* face ao jogo retórico-conceptual em torno de uma *doxa* política dominante capaz de *engendrar*, por outro lado e como veremos, toda uma afirmação outra de *política, responsabilidade e empenhamento*. Não se trata, portanto, de uma recusa ascética do espaço político, mas sim de um retraimento/retraçagem que, em última análise, se revelará «tudo menos apolítico» (Derrida, 2007: p. 24), por se dedicar ao repensar de tudo o que se entende por emancipação, decisão, evento, revolução —ensaiando, no limite, «uma revolução no pensamento da revolução» (Derrida, 2007: p. 42). O gesto, duplo e simultâneo, de retraimento/retraçagem é também posicionado por Nancy, concretamente no seu pensar a duas mãos com Philippe Lacoue-Labarthe, como forma de redizer uma política cuja formulação não se limita ao exclusivamente político⁵. Nunca —em Desconstrução e como inflexão da própria desconstrução— a política é exclusivamente política.

1.1 Nós, aqui e agora

Exige-se um duplo cuidado. Aqui, quando o que se propõe pensar são os liames de uma relação filosófica sob os auspícios de uma (outra) política, torna-se necessário interrogar o que uma relação filosófica implica. Afigura-se urgente interpelar as implicações de um convívio no tempo e no espaço, numa necessária reconsideração do que se entende por ‘contemporaneidade’. O que deve restar da estabilidade conceptual do que se entende por *contemporâneo*, quando se deve, ao mesmo tempo, salvaguardar a solidão de uma assinatura sem deixar de encarar o que chegou a descrever-se como repartição de *uma tipologia* (Derrida, Lacoue-Labarthe, & Nancy, 2006: p. 88), marca de uma *co-inscrição* (Derrida, Lacoue-Labarthe, & Nancy, 2006: p. 91), mas recusa do que se apelida, confortável e impunemente, por *geração* (Derrida, Lacoue-Labarthe, & Nancy, 2006: p. 92). Um ‘Nós’ hesitante, ao reconhecer a referencialidade precária permitida à expressão de uma contemporaneidade.

Há uma situação de pensamento que, reconhecidamente —mas não sem hesitação—, permite a conjugação de um ‘Nós’. Um ‘Nós’ que se conjuga, que se deve conjugar, para lá do plácido conforto da palavra «geracional», mas que se posiciona também no exterior do que usualmente se articula sob o nome de «terreno comum». E isto é todo um problema, convocado

⁴ Cf. Bernardo, 2010: p. 11.

⁵ Cf. Nancy, 2001b: pp. 31-32.

singularmente pela voz de Derrida: «quem pode ousar um «nós» sem tremer?» (Derrida, 2003a: p. 259). Entre o pensador do *idioma*⁶ e o filósofo da *criação do mundo*⁷, permite-se –exige-se– um «nós», (mal) apoiado na evidência empírica dos incontáveis colóquios e ocasiões em que esse «nós» funcionou como uma espécie de performativo filosófico, um «nós» sustentado num reconhecimento e permanente endereçamento mútuo –mas um «nós» que a todos os títulos se elege como *o que falta (e é preciso) pensar; ‘Il faut!’*. Derrida oferece-nos esta questão entre a ironia das aspas, ao falar de uma «conjuntura». Uma «conjuntura» que, no enredo Derrida-Nancy, envolverá Bataille, Lévinas ou Blanchot, com alguns outros susceptíveis de se encontrarem nesse «nós», mas que se revela um lexema delicado, interrogado e liminar. Expondo de modo demasiado apressado uma acepção de *conjunto*, na ilusão encantatória do que Blanchot chamaria uma *questão de conjunto*⁸, inflamando igualmente a emergência da *conjugação*, a *conjuntura* nomeia precariamente uma situação adiada numa retórica de mutualidade, ainda iludida numa ideia plácida, estagnada e passiva do que se reconhece como uma cumplicidade entre pensamentos. Estamos, como acusa Derrida, num «lugar perigosamente comum», ao qual se acrescenta, em toda a extensão irónica de uma formulação:

Dans le même lieu, l’appel à l’événement, à la singularité, voilà sans doute aujourd’hui la chose du monde la mieux partagée, peut-être un peu trop partagée (Derrida & Nancy, 2004: p. 166).

Aí, onde a Desconstrução e todo o pensar que no seu nome se alberga nos lança num outro pensar da relação –aí, todo o «nós» conjuntivo, conjugado, mútuo excede a sua performatividade, a sua evidência empírica, o cálculo da sua actuação. E aí mesmo um «nós» se reequaciona como um «nós» sem «nós», como um excesso sobre todas as condições de um «nós»: um excesso sobre todas as condições de surgimento da própria contemporaneidade, articulada como promessa mais do que como presença, *fora dos seus gonzos*⁹,

⁶ Veja-se, a propósito da importância da idiomaticidade em Derrida, p.e. «Desceller («la vieille neuve langue»)» (Derrida, 1992: p. 127).

⁷ Questão que atravessa o trabalho de Nancy. Ver nomeadamente (Nancy, 2002b).

⁸ Escreve Blanchot, a propósito de uma *questão de conjunto*, na sua vocação totalizadora: «Le tournant du temps est ce mouvement par où se dégage, d’une manière qui la fait affleurer, la question de tout. Affleurant, venant à la surface, elle s’arrache au fond et, ainsi, devenue superficielle, cache à nouveau en la préservant la question la plus profonde» (Blanchot, 1969: p. 13).

⁹ Na leitura derridiana de Marx este sintagma de Hamlet é larga e profundamente pensado, num apelo a repensar o tempo, a história, a ética, a justiça... fora da configuração clássica da interrogação do *tempo* em filosofia. Incluindo Heidegger. Um *tempo fora dos gonzos* que, não

sem conjugação. Em excesso, isto é, na derrogação de toda a soberania performativa, em nome de um pensamento do *evento*, da *vez*, da singularidade que interrompe e traça um limite a todo um pensamento *do tempo e no tempo*.

Uma disjunção que rasga o coração do tempo, numa anacronia que, marcando o passo (o *faux pas*) da Desconstrução, possibilita, nessa fissura do contemporâneo, nessa interrupção do tempo do «nosso tempo» e do presente como «nosso presente», a vinda do outro: o outro irreduzível à circularidade apreciável na delimitação de fronteiras indiciada pelo próprio pronome: *nosso tempo*. O desajustamento de um tempo *out of joint* possibilita o outro, cuja alteridade habita a disjunção e a incoincidência do tempo (Derrida, 1993: p. 48).

Trata-se, em Derrida como em Nancy, de pensar a contemporaneidade fora da sincronia estabelecida pela herança metafísica –ainda metafísica!– que impende sobre o pensamento do tempo e da temporalidade. Fora, pois, do «presente vivo» husserliano, como da presença heideggeriana (Derrida, s.d.: p. 49), tratar-se-á de afirmar a instabilidade do instante presente (Nancy, 1993b: p. 59), acolhendo-o, contra-assinando-o. No necessário reposicionar de todo o léxico da relação, da proximidade e da vizinhança, tradicionalmente alicerçadas num horizonte fusional e homogêneo, a partilha da *différance* não oculta o «diferir, como temporização», nem tampouco o «diferendo, como pemos» (Derrida, s.d.: p. 36); antes os acolhe, no que implicará uma urgente reconsideração da palavra ‘contemporaneidade’. Uma reconsideração que não traduz qualquer renúncia, mas o desenhar de uma outra urgência. Escreve Derrida:

Point de *différance* sans altérité, point d’altérité sans singularité, *pas de singularité sans ici-maintenant* (Derrida, 1993: p. 60. Itálico nosso).

Pensar a contemporaneidade –pensar o século XX e a sua viragem– passará então por interrogar o que se entende por proximidade, por coexistência no tempo, por familiaridade¹⁰, no que tão aparentemente se conjuga ou tão decisivamente se distancia.

sem pesar limites de tradução (Derrida, 1993: pp. 43-47), Derrida põe em jogo como desconstrução do tempo em nome da sua disjunção, do seu intervalo e do tom a-cronológico em que se ditam as suas urgências: ««*The time is out of joint*», le temps est *désarticulé*, démis, déboîté, disloqué, le temps est *détraqué*, traqué et *détraqué*, *dérangé*, à la fois *dérégulé* et fou. Le temps est hors de ses gonds, le temps est *déporté*, hors de lui-même, *désajusté*» (Derrida, 1993: p. 42).

¹⁰ «Qu’est-ce qu’un prochain –pergunta Derrida–, quand on sait qu’aucune proximité connue, surtout pas celle de l’espace et du temps, ne suffit à définir mes proches et encore moins mon prochain?» (Derrida, 2001a: p. 183).

1.2 Viver com mais de uma voz

Pensar, no apelo politicamente outro legado pela Desconstrução, é bem acolher o que surge para lá de um horizonte ou conjuntura, sem hipótese de precedência ou cálculo, como tempo interrompendo a cronologia, a topologia e a ordenação de um tempo cronológico. Daí que, enquanto pensamento do evento e da *vez* do evento, da vinda do outro chegando que, por definição, só pode vir do *estrangeiro* (Derrida, 2007: p. 23), a Desconstrução obrigue a uma nova afirmação *do* político. É que o conceito helénico e europeu, ocidental e estado-nacional de política¹¹ não chega a dar conta, senão por abusiva e agressora conversão apropriante, de uma alteridade que urge afirmar, na plenitude da sua resistência a qualquer linha de demarcação fronteiriça. Seja esta fronteira plasmada numa circunscrição teórica e conceptual, seja ela adstrita ao plano da compreensão ontológico-hermenêutica, seja finalmente confinada ao esquematismo simbólico, legal, cultural ou linguístico de um determinado território –sempre uma alteridade se furta à economia da fronteira, ao irromper de um exterior irreduzível a qualquer lei doméstica, a qualquer ‘chez-soi’. Daí a necessidade de se perspectivar a relação tensional e assimétrica entre a Lei (maiusculada, como acolhimento incondicional de todo e qualquer outro) e as leis de direito (condicionadas num tempo, num espaço, nos limites de um determinado horizonte); relação aporética, indecidível, mas que confere perfectibilidade ao reduto condicional prefigurado nas leis de direito.

Sem renunciar a uma apesar de tudo necessária *força de lei*¹², sem desprezo da necessária formalização político-democrática, a Desconstrução afirma antes de mais a convivialidade das leis com o que nem chega a ser Lei: a absoluta incondicionalidade como *paixão pelo impossível*. Esse impossível, essa incondicionalidade que, marcando a dimensão aneconómica de tudo *o que acontece*, conferem a dimensão hiperbólica da Desconstrução como o que dá lugar à perfectibilidade de tudo o que se *evidencia* ou *invisibiliza* sob o nome de ‘política’. A aporia insolúvel entre as leis (na sua provisória condicionalidade) e a Lei (na sua incondicionalidade irremissível), reclama o gesto de profunda reinvenção do que se entende por político, por democrático, por ético-moral... por todas as dimensões do que se pensa sob a injunção de se ‘viver com’. Sabendo-se, com Derrida, que viver conjuntamente é o mandamento de um

¹¹ Lembremos o horizonte de separação, permitido mais directamente em língua francesa, entre «la politique», como o horizonte de acção e praxis política, e «le politique», como espaço de pensamento e sustentação do político. Esta vai ser, aliás, um dos planos de separação entre Derrida e Nancy.

¹² Cf. Derrida, 2003b.

imperativo em falta; uma variação desse intraduzível ‘*il faut*’ que ritma o *pas au-delà* da Desconstrução. *Viver com*, como necessidade e como imperativo, é o *impossível* que quase define a Desconstrução de Derrida, ele, que confessa *não ter amado senão o impossível* (Derrida, 1991). Porque falta acontecer e porque é preciso que aconteça, o problema da proximidade, que é também toda uma questão de *contemporaneidade*, de *finitude*, de *solidão*, toca singularmente toda a Desconstrução. *Precisamos de viver juntos*.

E ‘viver juntos’, sublinhe-se, é uma injunção ou reconhecimento que toca a filosofia no seu todo. Na sua interioridade como na sua vocação, de Platão a Aristóteles e para além: aí, onde o magnetismo exteriorizador do *philein* se tatuou e se inoculou no corpus filosófico. Porque a filosofia, olhando com ambição soberana para a *polis*, para o *socius*, para todas as dimensões do *ser-com*, vive interiormente uma *paixão do exterior*. A tradição metafísica, aletheiológica e onto-teológica *impôs-se* no pensamento que pensa os outros, expostos tentadoramente ao predomínio ocular do espaço filosófico. *Impôs-se*, dizíamos. Essa imposição domesticou num *oikos* e murou no interior da *polis*, confirmando a preponderância soberanista dos discursos e das leis. Os outros, sujeitos ao que Blanchot chamou uma *visão de conjunto*, são ainda pensados numa unidade conceptual necessariamente coesa e definitivamente totalizadora. A ambição onto-teológica do total não omite o problema: «é de cada vez um só que vive com um só» (Derrida, 2003c: p. 34). O que se pode implicar na expressão ‘viver com’?

A constitutiva *inquiétude* da *democracia por vir*, poderia facilmente assumir a forma desse problema: viver junto, proximidade e vizinhança— o que significa?¹³ Poderemos coabitar num pensamento? Ou, mais propriamente: viver na cisão que persiste no *tocar* de dois pensamentos, aí onde dois pensamentos se *tocam*? Como *lhes* tocar? Como tocar a linha de partilha que separa, que une, que une separando a fimbria de dois dos mais intocáveis pensamentos do tempo? Na fidelidade possível (só possível como impossível), no inevitável perjúrio face à *via rupta*¹⁴ de cada um destes percursos errantes, é forçoso reconhecer a interdição em estabelecer-se qualquer economia do encontro, nas linhas de encontro entre Derrida e Nancy.

¹³ «No horizonte sem horizonte desta inquietude ou desta turbulência semântica, a questão da democracia por vir poderia assumir, entre outras formas, esta: o que é «viver junto»?» (Derrida, 2009: p. 55).

¹⁴ Cf. Derrida, 2001b: p. 368.

2. Entre Derrida e Nancy

Trata-se de um encontro cujo contacto duplamente se dificulta e muito dificilmente se pacifica –num tema, numa tese, no *ver* de uma tradição *teorética...*–, sendo por isso mais justo cultivar uma experiência de leitura que, na plena definição de si mesma, se instabiliza passo a passo: encontro entre Desconstrução e Desconstrução. Um encontro *sísmico*, para dizê-lo com Derrida (Derrida, 2003c: p. 51). E sísmico no sentido novo, na nova direcção concedida à Amizade, à *Filo de Sofia* e, com elas, a toda uma concepção de política e de Democracia que exige reinvenção.

Em termos singulares, no limite, é preciso repensar as tangências e os espaçamentos que, em Derrida-Nancy, se constroem em torno da proximidade, da relação e da amizade. *Tangências que incluem o espaçamento*, e que, na nossa questão, se engendram também como exposição de texto a texto –tacto ou toque não fusional–, acautelando a um tempo a proximidade e o distanciamento dessa relação. Acautelando, pois, o modo como cada um dos textos põe em cena um reconhecimento que é também uma amizade, um desejo e um desígnio de fidelidade: de texto a texto. Um contacto sem intersecção, sem «influência» ou metamorfose:

Une tangente touche une ligne ou une surface. Mais sans la couper, sans véritable intersection, dans une sorte de pertinence impertinente. Elle ne touche qu'en un point, mais un point qui n'est rien: limite sans épaisseur et sans surface (Derrida, 2000: p. 151).

A fidelidade em amizade, no modo como todo o seu léxico se engendra na Desconstrução, passa pela incondicionalidade com que esta se conjuga, longe, a uma distância hiper-crítica das figuras de proximidade, familiaridade, vizinhança, reconhecimento e identidade no modo como todos estes modelos se soerguem do fio modelar do Ocidente¹⁵. Longe, eventualmente, da política de proximidade redita na ideia de ‘fraternidade’, ponto nodal no traçado desta tangência. A amizade entre Derrida e Nancy transporta, pois, um diferendo sobre a forma de se pensar filosoficamente a amizade, compreendendo neste diferendo o devir político da ideia filosófica de amizade.

¹⁵ Cf. Derrida, 2001b: pp. 389-390.

2.1 O *devoir* político da Amizade: para lá do ‘como um’

Raramente, escreve Derrida, a democracia se representou sem a possibilidade de reunião a que se chama *fraternização*. Uma fatriarquia, num outro neologismo que sublinha o poder do *frater*, que pode incluir ou neutralizar, esquecer ou docilizar o outro do *frater* –nomeadamente, a irmã (Derrida, 2003c: p. 11). O irmão e só o irmão sonha a democratização como fraternização (Derrida, 2003c: p. 11). Em causa está o registo viril patenteado no sonho fraterno da ideia democrática, e que desde logo interroga a questão da proximidade como semelhança e como predomínio. Uma configuração democrática apoiada no poder de reunião do *frater* pode ceder ao modelo viril da amizade, reproduzindo o falocentrismo como um dos mais dominantes poderes do Ocidente. Por outro lado, no seu *devoir* político, a amizade coloca-se a si mesma em causa na oscilação entre a singularidade do amigo e a generalidade indiciada na expressão de uma *política da amizade*.

Pensada a partir de Aristóteles, a amizade coloca a questão do número, da eleição, da selecção... quando os amigos –e a singularidade do amigo– ganham prioridade sobre o genérico ‘Amizade’. Afirma Derrida:

Viver, ouve-se com *com*. Quaisquer que sejam de seguida as modalidades, viver é viver com. Mas é de cada vez um só que *vive com* um só: *eu vivo*, eu, *com* (*suzáô*), e com cada um, de cada vez (com) um só (Derrida, 2003c: p. 34. Itálicos de Derrida).

Com um só... O *numeroso* parece ser, seguindo a argumentação de Aristóteles, um obstáculo sério, se não mesmo um impedimento à eleição pressuposta na amizade, à energia relacional e singularizadora da amizade. É interdito amar o numeroso ou a multidão (Derrida, 2003c: p. 35). Esta ideia põe sob vigilância filosófica o «*devoir-político da amizade*», ao sublinhar a sua indecidibilidade aporética: a quantificação na amizade inscreve-se no seu *devoir-político*, obrigando a democracia ao cálculo de uma certa economia e ao centro de um certo *oikos*, sendo que não há democracia sem a afirmação do absoluto de uma alteridade e, portanto, de uma singularidade sem cálculo possível. Entre cálculo e incalculável, a Democracia põe-se em questão decisivamente. Para Derrida, a disjunção destas duas leis –o *cálculo* e o *incalculável*– sustentam para sempre o desejo político, dizendo também a vulnerabilidade que afecta e se diz na promessa por vir da Democracia (Derrida, 2003c: p. 36).

E é também esta disjunção que obriga, se não à desconfiança, pelo menos ao cuidado filosófico para com os conceitos de ‘igualdade’, de ‘liberdade’ e,

inevitavelmente, de ‘fraternidade’. Nancy, corajosamente, mantém e relança a questão da fraternidade, num sentido radicalmente distinto do que se propõe na semântica da sua inscrição revolucionária. Porém, a reserva de Derrida reflecte-se na persistência de uma certa politização de um modelo, «uma figura, uma hegemonia –por exemplo, paterna, fraterna ou materna»¹⁶. Encontramo-nos no coração de uma discussão extensa, com a amplitude de anos de amizade filosófica (e excedendo a filosofia) entre Derrida e Nancy. Vejamos, telegraficamente, uma ou outra vertente desta discussão.

Quando, numa invocação de Bataille, Nancy enuncia a *res publica*, no contrato que funda a sua soberania, como *construção de todos e de ninguém* –construção esvaziada, de ‘personne’ no duplo sentido do étimo francês– faz menção a uma igualdade sem número e sem simetria, furtando-se nesta sua formulação ao «esquema masculino-familiar» criticado por Derrida¹⁷. O *frater*, nesta fraternidade, não se condena a uma fraternidade de sangue, não remete à plana igualdade do *socius* nem sequer a uma espécie de *ego* colectivo e uniformizador. Trata-se antes, numa precisão que não anula mas que redirecciona as reservas de Derrida, do registo quase religioso de uma *confraria*. Fala-se de uma igualdade, pois, que convoca a precedência e a excedência do *povo como povo*, do *cum*, do *ser-se com* que se congrega fraternalmente na palavra ‘povo’ sem transgredir –antes *confortando*, na expressão de Nancy– uma alteridade constituinte, que se diz *aí*.

Em questão está uma diferença que se partilha filosoficamente. O toque de uma tangência quando, neste *aí*, que se pensa tão marcadamente na Desconstrução de Nancy, nos confrontamos com o singular direccionamento dado ao conceito heideggeriano de *Jemeinigkeit*¹⁸, aqui pensado como *singularidade da vez* que, de *cada vez*, acontece *aí: aí*, como incomensurável e desmedido; *aí* onde «a fraternidade é a igualdade na partilha do incomensurável»; e *aí*, no espaço em que a Desconstrução de Derrida trilha o caminho (amical e político) que prefere dizer-se (tangencialmente) como *impossível*. Um *impossível* que, sem concessões para com o que arrisca ceder terreno ao cálculo, no território da igualdade, resta «como única possibilidade e como condição de possibilidade» (Derrida, 2009: pp.110-111).

No timbre da Desconstrução, e desde o seu início, o que aqui tem lugar, deve ter lugar, abre o próprio (do) lugar é o *impossível* como rasura de qualquer programa (político) ou causalidade, o impossível como afirmação

¹⁶ Cf. Derrida, 2009: pp. 130-131.

¹⁷ Cf. Nancy, 2004: p. 351.

¹⁸ Cf. Nancy, 2001: pp. 85-121.

incondicional do Outro que vem, prometido, por vir; o amigo chegando do outro lado do horizonte, do cálculo ou da previsão. O devir-político da Amizade *acontece* no tom de um pensamento do evento, da vez, de um *tal-vez*. É esta formulação que, endividada para com os que ousaram pensar, a partir de Bataille, *a comunidade daqueles que não têm comunidade*, não deixa de fazer recair uma suspeita sobre a insistência num determinado léxico político, onde se inclui a «fraternidade», a nancyana «generosidade» mas, desde logo, a própria palavra «comunidade». Uma palavra que, como é sabido, é um dos inultrapassáveis de Nancy, ainda que reconhecendo a sinuosidade do seu percurso histórico e político¹⁹.

A distância do Outro é, aqui, o espaço do seu pensamento. A perspectiva de uma *teleiopoética*, dizendo-se na palavra uma «poética da distância à distância», impõe-se, numa salvaguarda da própria alteridade absoluta. Habita o filosofema o elemento *telos*, agora na firme duplicidade do que se entende por terminado e finalizado, mas também por lonjura e por distância. A singularidade do pensamento do *tal-vez*, da Desconstrução como pensamento do evento, diz-se largamente nesta *teleiopoética*, que faz conviver a proximidade e a distância, a proximidade *como* distância no imperativo de uma Hospitalidade absoluta e incondicional. Uma interrupção suspensiva, obrigando à revisitação filosófica da própria palavra Filo-Sofia, sugere-se pesadamente no sopro *teleiopoético*, definitivo e distante –reinventivo. Na herança de um certo Nietzsche, visitar deste modo a amizade filosófica obrigará talvez a «filósofos de um tipo novo» (Derrida, 2003c: pp. 47).

Encontra-se em causa uma política do parentesco e da proximidade, do *oikeiotes*, repensada de forma tão próxima e tão longínqua –tão amigável, pois– em Derrida e Nancy. Jean-Luc Nancy que, lembremos, concede à Democracia um imperativo dever de invenção (Nancy, 2009a: pp. 77-79), na possibilidade indeclinável de criar a sua lei e, nessa criação, criar-se a si mesma. Mas também, na separação contestatária reinando sobre toda a proximidade, Nancy criticando o registo da *Democracia Porvir* derridiana em nome de uma política que não é essencialmente (como o é inegavelmente a Amizade) a esfera *da relação com o outro* mas da governação do grupo²⁰, numa ligação ao *socius* que a desconstrução quis exceder.

A discussão implica todo um léxico decorrente do modo como Nancy herda e reengendra o passado filosófico, nos sentidos do seu sentido.

¹⁹ Cf. Nancy, 2001b: p. 26.

²⁰ Cf. Nancy, 2009b: pp. 212-213.

2.2 Nancy: Sentidos de sentido

Fale-se, antes de mais, da voz: dos sentidos da voz e da voz dos sentidos em Nancy.

A voz marca e transporta, iniciática, uma singularidade. A antecipação da voz rasura criticamente um inegável e presente privilégio da visão nas tradições do saber, a começar pela filosofia. E a voz é também o liame que expõe o singular aos ouvidos do mundo, inconfundível singularidade –passe, mas pese a redundância– exposta vocalmente aos outros, a todos os outros, como elemento simultâneo de partilha e de distinção. A música é, por isto mesmo, uma presença adivinhada em Nancy, cuja escrita se faz atravessar por todo um cancionero, pela vigília de uma partitura e pelo reduto interpretável de uma nota musical. A voz é uma com outra, uma na outra, uma para a outra e, todavia, apenas comparável a si mesma, na sua intransmissibilidade ainda mais particular do que a própria impressão digital –a voz mais tocante, mais singularmente tocante, do que o próprio afloramento do tacto²¹. Falamos em ressonâncias a partir da voz filosófica de Nancy, desde logo no ressoar inquieto assumido, no *corpus* da sua filosofia, pela palavra ‘sentido’.

Em Nancy, a plural ressonância do mote ‘sentido’ expõe a palavra à sua multiplicidade inerente, votando-a à parcela, à participação, à separação que reparte e, simultaneamente, põe em comum: à *partilha*. Todo o sentido, todos os sentidos de ‘sentido’, convocam a multiplicidade do que se põe em comum sem ser equivalentemente comum, por se orientar sempre para o *mais do que um*. O sentido, como «être-à-plus-d’un» que não pode deixar de ser, é –numa aproximação onde se reconhece o tom nancyano– um «tensor de multiplicidade» (Nancy, 1993b: p. 139). (Nada mais distinto, desviado, nada mais finamente repartido... nada mais tangencial face à Desconstrução de Derrida. Nada mais dissonante, na insistência no ‘sentido’, na palavra ‘sentido’, ainda que se lhe note um evidente desvio de orientação, de finalidade e de senso, ainda que a sua conjugação *existencial* se encontre decisivamente afectada, em Nancy, desde logo por uma outra meditação face ao próprio existencial.) Nesta sua inscrição tensional, dita com palavras tão extraordinariamente corpóreas, tão exactamente somáticas, o sentido é potencialmente político, podendo mesmo ser radicalmente político face ao que Nancy redefine como *política*²². Em entrevista a Ginette Michaud:

²¹ Cf. Nancy, 2001: p. 169; 2002a.

²² Lembremos que Nancy abdica, a partir de certa altura, da frequente distinção teórica, permitida em língua francesa, entre *le politique* e *la politique*, para afirmar polemicamente a prioridade filosófica de (la) *a política* (Cf. Nancy, 2009b: pp. 215-216).

La politique est donc la sphère dont il faut accepter l'essentielle incompletude, voire, pour le dire ainsi, le manque de sens. (Nancy, 2009b: p. 209); «Politique» est donc d'abord et d'emblée le nom d'une exigence d'une extrême difficulté: faire communauté sans substance commune, ou faire sens du seul fait de se gouverner ensemble (Nancy, 2009b: pp. 210-211).

Tudo se passa, pois, no que se afigura como pensável –plural e diferente-mente pensável– em toda a questão do comum. Na escrita de Nancy, toda uma política, toda uma estética, toda uma filosofia se relê e se reinventa na pluralidade de um comum que permanentemente se reengendra; um comum que se não totaliza, na pluralidade que o constitui como falta, destituindo a unidade onto-teológica, a rigidez essencialista ou o quietismo lógico-conceptual. É preciso pensá-lo, isto é, devolvê-lo à energia da sua pluralização in-finita. Pensá-lo, pesando-o no ímpeto passível de tocar, de afectar, de suspender política, estética, todo o pensar das artes, todo o pensar da comunidade, do grupo e do *socius*, todo o pensar da cidade, da representação, da *mimesis*, da economia, da técnica, do que se presume sob o nome de cultura ou de educação, etc.

O comum pauta e reparte o sentido, de que é abertura. No «*em* comum», ele transporta o indício preposicional de uma partilha que liga e aparta a existência *em* comum, *ex-pondo-a* de um lado a outro, de superfície em superfície, numa partição que parece repartir-se a partir de um posicionamento ontológico: «l'*en-commun* de l'être transit tout le sens» (Nancy, 1999: p. 208. Itálico de Nancy). O *outro* confere sentido, numa alteridade que é o que dá sentido e relevo filosófico à palavra 'sentido' (Nancy, 1999: p. 211). Caindo na *singularidade*, recomeçando em cada singular, o sentido é o *singular-plural* em que a política encontra o problema do ser-com-o-outro, ou, numa deriva que permite uma certa hesitação ontológica, a questão do estar-*em*-comum.

2.3 Pensar a 'junção'

Em prefácio oferecido generosamente à edição portuguesa de *O Peso de um Pensamento*, Nancy acrescenta:

O pensamento não é senão o movimento pelo qual o mundo se junta ou deseja juntar-se a si mesmo. O ajuntamento não corresponde forçosamente à unidade nem à totalidade fechada. É igualmente tensão, atenção, intenção e mesmo para-além: ímpeto, voo ou mergulho em direcção à essencial coexistência de todas as coisas (Nancy, 2011: p. 9).

Neste parágrafo-síntese não deixa de pulsar um problema que, pelo menos desde *La Communauté Désœuvrée*, afecta e singulariza a escrita de Nancy, e que tem a ver justamente com o alcance ontológico, ético, fenomenológico,

estético... inerente ao problema da junção, da partição, do que une apartando –do *comum* que pesa no pensamento, sem que seja *como um* no pensamento. Pesa a coexistência, a junção, o toque. Pensa-se, como todo o Nancy pensa, a (im)possibilidade e o limite de *estarmos juntos*, porque nunca o estamos completamente, porque em toda a relação há uma separação singular, apartada e idiomática que se furta e resiste ao conjunto. Chama-lhe Nancy, neste prefácio português, *dis-con-junção* (Ibid).

Dis-con-junção. Esta palavra condiz com uma preocupação permanente e palpitante ao longo de todo o Nancy: o com, o *cum*, o *Mitsein*, o estar-com como enunciação de um problema de relação, na obra permanente e inacabada que é o encontro com o outro. Reclama também a fragilidade e, ao mesmo tempo, a profunda radicalidade da questão do ‘com’, bem marcada em todas as dimensões do *ser-se com*.

A frágil constituição do comum, afectado pela finitude que o limita e desidentifica, não permite à formulação do seu pensamento um abrigo aquietado num «modelo» ontológico (Nancy, 2001: p. 116). Ao contrário, a delicadeza do comum dessubstancializa toda a textura ontológica, num movimento que cadencia a leitura nancyana da diferença ontológica em Heidegger, no seu *désœuvrement* da ontologia fundamental²³. Permite-se assim, com Nancy, retomar o pensamento de Heidegger como uma «ética fundamental»²⁴, o que não vai sem provocação seja a uma leitura estritamente hermenêutica de Heidegger, seja no contexto da recepção do filósofo da Floresta Negra em solo francês.

A precedência do comum e a sua imposição num pensamento do Ser, marca distintiva da escrita de Nancy, marcará o timbre de um retraimento/retraçagem do político, como a redefinição do compromisso, como de toda uma tradição filosófica relida (desconstruída) à luz desta precedência: o *com* precedente, abrindo subversivamente, nessa precedência, o «eu» firmemente inscrito na história da filosofia («tout ego sum est un ego cum» (Nancy, 2001: p. 117)), como na enunciação do plano social e político.

O *com* é um elemento de exposição e de abertura, sem ser um gerador de fusão e de indistinção, o que o torna profundamente anidentitário²⁵. *Com*, ser-com, estar-com e estar-aí-com tem o valor partilhado de uma circulação e não de uma presença ou substância. Uma circulação de sentido, nos sentidos, em toda a amplitude da palavra na filosofia de Nancy: uma abertura, um «ouvert/avec»²⁶.

²³ Cf. Ferrario, 2012: p. 87.

²⁴ Cf. Nancy, 2001: p. 88.

²⁵ Cf. Nancy, 2001: p. 119.

²⁶ Cf. Nancy, 2001: p. 121.

O *singular* da singularidade tem lugar, pois, a partir de um plural arqui-origiário, como vez-a-vez (golpe-por-golpe, um-por-um) de um de cada vez, gerado a partir de uma multiplicidade existencial e categorial²⁷. Mas esta singularidade plural não é, não pode ser pacífica. Nem indistinção no todo nem encerramento solipsista no próprio, a *junção* não é uma presentificação, não está adquirida, pelo que se pensa fora do elemento fundador e consolidante do mito –do mito que, na história do Ocidente, solidificou e garantiu o *conjunto*²⁸. Numa palavra, que mal disfarça o constrangimento de uma abreviatura, o singular é o descontínuo, e de cada vez reinventado *vez a vez*, arrancado à unidade e à finalização mas alimentado na inexorabilidade da partilha. Uma comunidade, qualquer comunidade furtada ao *como um* totalizador, expõe-se *atelicamente* à singularidade inventiva, numa condição sem clausura. Escreve Nancy:

O mundo das singularidades está ainda por abrir ou por desenhar, as margens estão por retraçar: o mundo está de novo por interpretar e por transformar (Nancy, 2011: p. 145).

Surge deste desenho filosófico a profunda transformação, mas o convívio persistente com sintagmas que, de lés a lés, particularizam o tom de toda esta escrita. Nomeadamente –e, de forma culpada, muito brevemente– a *igualdade*, que em Nancy se reporta à partilha *incomensurável* de singularidades²⁹, equivalente e conseqüente de uma *fraternidade* pensada –polemizando passo a passo com as objeções de Derrida– para lá do familiar masculino problematizado em *Políticas da Amizade*. Uma *fraternidade* que, recebida também de Blanchot (Blanchot, 1983), e admitida a necessidade da sua Desconstrução, se pensa na véspera da comunidade como despojamento, abandono, amor.

Ainda que no reduto de um léxico próprio, este será um dos filosofemas mais visados, mais fustigados pela atenção leitora de Derrida.

2.4 Fraternidade: *uma ameaça concêntrica*

A este respeito conviria seguir, quase a par e passo, a linha argumentativa de Derrida. E conviria, justamente por testemunhar o teor tangencial desta *via rupta* entre Desconstrução e Desconstrução, dando conta de uma diferença

²⁷ Cf. Nancy, 2011: pp. 133-134.

²⁸ Ideia amplamente desenvolvida em *La Communauté Désœuvrée* (Nancy, 1999: pp. 107-174).

²⁹ Cf. Nancy, 1993a: p. 75.

de tom, de estilo, patenteada no que Derrida reconhece como uma certa intrepidez em Nancy³⁰. Essa coragem nancyana, no caso, leva o filósofo de *Desconstrução do Cristianismo* a assumir numa postura própria, idiomática, toda uma ontologia política da liberdade³¹. Antes de qualquer *poder*, antes de qualquer conceito ou de qualquer sujeito, a liberdade em Nancy, destituindo um «eu posso» soberanista que paira por sobre as suas mais vigentes definições, é o *incomensurável*. Um incomensurável que, diferindo do horizonte do próprio, partilha-se, reparte-se equitativamente, coincidindo esta *partilha do incomensurável* com a definição nancyana de *fraternidade*³². Vimo-lo em Nancy; admite-o agora Derrida.

Ora, transigindo na palavra ‘liberdade’, admitindo a singularidade da sua *forma* na Desconstrução de Nancy, esta liberdade é um impossível (lê Derrida) que qualquer interrupção calibrada pela equidade tende a verter em possível: em calculável, programável, condicional³³. Tudo se passa, tangencialmente, em torno deste «cálculo do incalculável» e da sua –digamos– ameaça circular concêntrica ao princípio da incondicionalidade, como fina marca de água da Desconstrução de Derrida. Ameaça circular concêntrica, dizemos nós, quando um risco se presente na circunscrição do que se diz imensurável aos limites de uma semelhança entre viventes, potencialmente antro-po-*logo*-cêntrica, às fronteiras de uma polis, de um Estado-Nação e de uma língua ou à medida do *frater*, que já *Políticas da Amizade* denunciava como persistência de um certo fantasma falocêntrico.

O limite tangencial, aqui, aprecia-se na reconhecida *exactidão* de Jean-Luc Nancy³⁴, bem inscrita no léxico de Nancy, ao confrontar-se com uma Lei (do) incalculável que modela a Desconstrução de Derrida. Onde se supõe, sob o nome da *fraternidade*, a «igualdade na partilha do incomensurável», o cálculo irrompe no peso de uma igualdade, na partição igual dessa igualdade, como se *exactamente* se pudesse emprestar *exactidão*, transigir na *exactidão* quando o que está em causa é a irredutibilidade da medida. E aqui também, insistindo na necessária desconstrução da figura ético-político-jurídica do irmão no tema da fraternidade, tal como nos surge em *Políticas da Amizade*, acrescenta-se –com consequências que não poderemos desenvolver aqui– a tendência sub-reptícia

³⁰ Cf. Derrida, 2009: p. 103.

³¹ Cf. Derrida, 2009: p. 103.

³² Cf. Derrida, 2009: p. 110.

³³ Cf. Derrida, 2009: pp. 110-111.

³⁴ «[...]L'*exactitude* aussi, pour parler comme Nancy. L'*exactitude*, nous y viendrons, c'est son mot et c'est sa chose» (Derrida, 2000: p. 17. Itálicos de Derrida).

e hegemónica do tom cristão da fraternidade, o que já para os revolucionários de 1789 não terá sido questão de somenos (Derrida, 2003c: p. 126).

Central, no endereçamento de Derrida a Nancy, surge uma certa sobre-cristianização do discurso, ao qual se soma o risco do encaminhamento político da palavra ‘nascimento’. Mesmo que este *nascimento* se conjugue, em Nancy, evitando o encerramento da sua significação numa *génese*, *começo* ou *arké*, e coincida com o eclodir singular de uma *liberdade*³⁵ –o que sobeja é a referida insistência, ainda que atravessada pela paixão do desvio e da exterioridade, nos termos lapidares de *fraternidade*, e de *igualdade*, e, finalmente, de *liberdade*. Um pendão cuja herança, cuja tradição é preciso/falta desconstruir como aparente *verdade* de uma *democracia* demasiado assente no padrão hegemónico da autoctonia, do território e da soberania.

Coda

No ritmo inicial das nossas epígrafes, retoma-se a necessidade de se pensar a *junção* sem *conjugação* como problema cadenciado pela solidão da escrita. Uma solidão que se furta da contemporaneidade, em todo o sentido conjuntivo que esta palavra possa comportar, para a pensar diferentemente. Pensando, no registo apartado dessa diferença –da diferença singularizadora da escrita, das escritas de Derrida e de Nancy–, o político, o ético, todas as modalidades do *ser-com*, de modo desigual, na assincronia devida a todo o instante do pensar.

Como falsa sincronia, como irónica conjugação, *viver junto* é uma demanda oscilante, posicionada por Derrida «entre la sagesse philosophique et l’angoisse désespérée» (Derrida, 2001a: p. 183). *Entre*, como se um ‘entre’ interrompesse a própria relação e o plano da sua possibilidade, da sua horizontalidade, arrastando o próprio saber. Sublinha-se então a tensão, paradoxal e aporética, entre a vocação normativa e reguladora dessa sageza filosófica – desde logo na pergunta ‘como viver juntos?’– e a firme resistência desse *pathos* trágico que (i)limita e desestabiliza a serena face das leis. Há uma dissonância implícita em ‘viver juntos’ à qual convém dar ouvidos, justamente sublinhando o tom singular da sua emergência: política e, acima de tudo, democrática. Uma emergência que põe em questão a precariedade do familiar, do coincidente e do próximo, como de todo o léxico ético-político das retóricas da proximidade: da família ao conjunto; do todo à coincidência; da aliança à fraternidade.

³⁵ Cf. Derrida, 2009: pp. 131-132.

Entre Derrida e Nancy, na certeza de uma cumplicidade exemplar e rara, esta oscilação *pesará* decisivamente. O que quererá dizer sempre, no registo nancyano, que *pensará* decisivamente. A relação entre dois pensamentos que, como dois irmãos apartados (e desde logo evitando a palavra ‘fraternal’), ousam pensar a possibilidade e a necessidade da relação, no seu alcance ético-político-jurídico, como filosofia «en train de se faire»³⁶. Diferença de tom e de estilo, sublinhando precisamente este *pathos* melancólico em Derrida. Um *pathos* conectado com o que Nancy descreverá como isolamento, motivo para uma recusa da comunidade, como da fraternidade, na partilha que esse isolamento constitui³⁷. Talvez seja justamente a soberania poética deste isolamento, bem marcada na desconstrução de um impossível *comum*, uma das marcas de distância e de registo, de tom e de timbre –um dos obstáculos à *convivência dócil* que é preciso reconhecer entre Derrida e Nancy.

Será preciso reconsiderar esse *obstáculo* retirando-lhe a conotação pontual, conjuntural e, principalmente, limitadora. Porque aí, nesse *obstáculo*, a linha de uma tangente toca-se e deriva, reclamando-se da *via rupta* que sempre se vislumbra –no contacto, na amizade, na *política* dessa *amizade*– como marca idiomática de todo o *pensar* que mereça o seu nome.

Bibliografia

- BERNARDO, F. (2004). «Como uma língua por inventar. A Hospitalidade poética de Derrida». *Phainomenon*, 9, 9-68.
- BERNARDO, F. (2010). «Jacques Derrida - o gosto do segredo. Hospitalidade, Justiça e Democracia». *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 50, 9-38.
- BERNARDO, F. (2011). «Feminilidade e hospitalidade em Lévinas - a difícil condição do «humano» hóspede/ refém de outrem». In M. L. Marcos, M. J. Cantinho & P. Barcelos (Eds.), *Emmanuel Levinas - Entre reconhecimento e hospitalidade*. Lisboa: Ed. 70.
- BLANCHOT, M. (1955). *L'Espace Littéraire*. Paris: Gallimard.
- BLANCHOT, M. (1969). *L'Entretien Infini*. Paris: Gallimard.
- BLANCHOT, M. (1983). *La Communauté Inavouable*. Paris: Ed. de Minuit.
- CALLE-GRUBER, M. (2009). *Jacques Derrida, la distance généreuse*. Paris: La Différence.

³⁶ É a expressão de Nancy no filme, de Safaa Fathy, *D'Ailleurs, Derrida*. Ver igualmente *Turner les mots. Au bord d'un film* (Derrida & Fathy, 2004).

³⁷ «Toujours il s'est esseulé (...): ce grand esseulement dans lequel il éprouvait ce qu'il refusait de nommer communauté ou fraternité, mais voulait nommer amitié, nommant le partage de l'esseulement» (Nancy, 2007: p. 35).

- DERRIDA, J. (1987). *Psyché. Invention de l'autre*. Paris: Galilée.
- DERRIDA, J. (1991). *Circonfession*. In G. Bennington & J. Derrida, *Jacques Derrida*. Paris: Seuil.
- DERRIDA, J. (1992). *Points de Suspension*. Paris: Galilée.
- DERRIDA, J. (1993). *Spectres de Marx - L'État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Galilée.
- DERRIDA, J. (2000). *Le Toucher, Jean-Luc Nancy*. Paris: Galilée.
- DERRIDA, J. (2001a). «Avouer - L'impossible». In J. Halpérin & N. Hansson (Eds.), *Comment vivre ensemble?*. Paris: Albin Michel.
- DERRIDA, J. (2001b). *Papier Machine*. Paris: Galilée.
- DERRIDA, J. (2003a). *Chaque fois unique, la fin du monde*. Paris: Galilée.
- DERRIDA, J. (2003b). *Força de Lei* (F. Bernardo, Trad.). Porto: Campo das Letras.
- DERRIDA, J. (2003c). *Políticas da Amizade* (F. Bernardo, Trad.). Porto: Campo das Letras.
- DERRIDA, J. (2004). «Et cetera...». In M.-L. Mallet & G. Michaud (Eds.), *L'Herne - Derrida*. Paris: Éditions de l'Herne.
- DERRIDA, LACOUÉ-LABARTHE, & NANCY. (2006). «Dialogue entre Jacques Derrida, Philippe Lacoué-Labarthe et Jean-Luc Nancy». *Rue Descartes* 52, 89-99.
- DERRIDA, J. (2007). «Penser ce qui vient». In R. Major (Ed.), *Derrida pour le temps à venir*. Paris: Stock.
- DERRIDA, J. (2009). *Vadios* (Fernanda Bernardo, Hugo Amaral e Gonçalo Zagalo, Trad.). Coimbra: Palimage.
- DERRIDA, J. (2010). *Memórias de Cego. O auto-retrato e outras ruínas* (Fernanda Bernardo, trad). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DERRIDA, J. (s.d.). *Margens da Filosofia*. Porto: Ed. Rés.
- DERRIDA, J., & FATHY, S. (2004). *Rodar las palabras. Al borde de un filme* (A. Tudela, Trad.). Madrid: Arena.
- DERRIDA, J., & NANCY, J.-L. (2004). «Responsabilité - du sens à venir». In F. Guibal & J.-C. Martin (Eds.), *Sens en tous sens. Autour des travaux de Jean-Luc Nancy*. Paris: Galilée.
- FERRARI, F., MAIÀ, T., & NICOLAO, F. (2012). «La Convocation». In G. Berkman & D. Cohen-Levinas (Eds.), *Figures du Dehors. Autour de Jean-Luc Nancy*. Nantes: Nouvelles Cécile Default.
- FERRARIO, E. (2012). «L'ontologie désœuvrée de Jean-Luc Nancy». In G. Berkman & D. Cohen-Levinas (Eds.), *Figures du dehors. Autour de Jean-Luc Nancy*. Nantes: Nouvelles Cécile Default.
- LLANSOL, M. G. (1999). *O livro das comunidades*. Lisboa: Relógio d'Água.
- NANCY, J.-L. (1993a). *The experience of freedom* (B. McDonald, Trad.). Stanford: Stanford University Press.

- NANCY, J.-L. (1993b). *Le Sens du Monde*. Paris: Galilée.
- NANCY, J.-L. (1999). *La Communauté Désœuvrée* (3 ed.). Paris: Christian Bourgois.
- NANCY, J.-L. (2001). *La pensée dérobée*. Paris: Galilée.
- NANCY, J.-L. (2001b). *La Communauté affrontée*. Paris: Galilée.
- NANCY, J.-L. (2002a). *À l'écoute*. Paris: Galilée.
- NANCY, J.-L. (2002b). *La Création du Monde ou la Mondialisation*. Paris: Galilée.
- NANCY, J.-L. (2004). «Ré-Fá-Mi-Ré-Do-Si-Do-Ré-Si-Sol-Sol». In Marie-Louise Mallet (Dir) *La démocratie à venir. Autour de Jacques Derrida*. Paris: Galilée.
- NANCY, J.-L. (2007). *À plus d'un titre, Jacques Derrida*. Paris: Galilée.
- NANCY, J.-L. (2009a). «Démocratie finie et infinie». In Agamben, Badiou, Bensaïd, Brown, Nancy, Rancière, Ross & Žizek (Eds.), *Démocratie, dans quel état?* Paris: La fabrique.
- NANCY, J.-L. (2009b). «Le désir des formes». *Europe, 960* (Léon Chestov/ Jean-Luc Nancy), 207-219.
- NANCY, J.-L. (2011). *O peso de um pensamento* (F. Bernardo & H. Monteiro, Trad.). Coimbra: Palimage.

